

Infância, linguagem e tecnologias digitais: diálogos com a literatura científica

Giselle Mendes dos Santos¹ 

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a produção científica brasileira sobre a interseção entre infância, linguagem e tecnologias digitais. Realizamos uma revisão bibliográfica de publicações entre 2013 e 2023 em três bases de dados nacionais com os descritores infância, linguagem, leitura, escrita, tecnologias digitais e cibercultura. Do total de 44 trabalhos encontrados, 15 foram selecionados por pertinência temática, indicando um movimento incipiente e difuso deste campo. Os dados apontam para a emergência da ampliação de discussões qualitativas e transdisciplinares sobre como as crianças em processo de aprendizagem da leitura e da escrita acessam e usam as tecnologias digitais, que relações estabelecem nesses contextos e os conhecimentos que produzem e compartilham.

Palavras-chave: Cibercultura; Criança; Alfabetização.

Abstract

Childhood, language, and digital technologies: dialogues with scientific literature

This article aims to analyze Brazilian scientific production on the intersection between childhood, written language, and digital technologies. We conducted a literature review of publications from 2013 to 2023 in three national databases using the descriptors childhood, language, reading, writing, digital technologies, and cyberspace. Out of a total of 44 studies found, 15 were selected based on thematic relevance, indicating an emerging and diffuse movement in this field. The data highlight the need for expanding qualitative and transdisciplinary discussions on how children in the process of learning to read and write access and use digital technologies, what relationships they establish in these contexts, and the knowledge they produce and share.

Keywords: Cyberspace; Child; Literacy.

Resumen

Infancia, lenguaje y tecnologías digitales: diálogos con la literatura científica

Este artículo tiene como objetivo analizar la producción científica brasileña sobre la intersección entre infancia, lenguaje escrito y tecnologías digitales. Realizamos una revisión bibliográfica de publicaciones entre 2013 y 2023 en tres bases de datos nacionales con los descriptores infancia, lenguaje, lectura, escritura, tecnologías digitales y cibercultura. Del total de 44 trabajos encontrados, 15 fueron seleccionados por su pertinencia temática, lo que indica un movimiento incipiente y difuso en este campo. Los datos señalan la necesidad de ampliar las discusiones cualitativas y transdiscipli-

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

narias sobre cómo los niños en proceso de aprendizaje de la lectura y la escritura acceden y utilizan las tecnologías digitales, qué relaciones establecen en estos contextos y los conocimientos que producen y comparten.

Palabras clave: Cibercultura; Infancia; Alfabetización.

Introdução

E para se conhecer como as crianças se relacionam, hoje, com a escrita, como elas compreendem e aprendem tal sistema alfabético, suas regras, sua lógica, seu modo de funcionamento, há que se alargar os modos de conceber e há que se colocar *em relação* tanto as múltiplas formas de linguagem quanto a complexidade do desenvolvimento humano nas dimensões histórica e individual (Smolka, 2019, p. 20).

O acesso às tecnologias digitais vem acontecendo cada vez mais cedo e as crianças de hoje fazem parte das primeiras gerações que nasceram imersas em um mundo totalmente digital, marcado pelo advento da internet das coisas e da inteligência artificial. Durante as primeiras décadas do século XXI, vivenciamos o crescimento exponencial do acesso às redes e o agravamento das profundas desigualdades sociais e econômicas. Este contexto de tantas transformações fez emergir inúmeras questões e tensionamentos em diversos campos do conhecimento. Destaca-se, neste texto, a necessidade de discussões e ações transdisciplinares que articulem consonâncias e dissonâncias entre a infância, as tecnologias digitais e a linguagem.

Para Smolka (2019), dispositivos tecnológicos – como *smartphones*, *notebooks* e *tablets* – são instrumentos técnicos e semióticos que condensam histórias de conhecimentos, de práticas culturais e sociais, de diferentes produções de sentidos e realidades. A evolução das tecnologias digitais possibilitou o desenvolvimento de transformações nos modos de ler e de escrever, marcadas pela coexistência e a convivência de muitas formas de leitura e de escrita que “são lidas, intuídas, (pres)sentidas pelas crianças bem pequenas quando estas participam de uma dada ambiente cultural” (Smolka, 2019, p. 15).

Neste sentido, o processo de ensino e aprendizagem vai ganhando novas dinamizações. Com as tecnologias digitais, nossos textos são condensados, abreviados, ideografados em novas formas, como os emojis, ícones, figurinhas e *gifs*. A digitação apresenta uma escrita mais rápida cujas tecnologias podem adivinhar, antecipar e até corrigir a palavra escrita (Smolka, 2019). Com a internet das coisas e a inteligência artificial generativa, estes dispositivos também podem ouvir, falar, ler, escrever e

dialogar conosco. Assim, estes instrumentos técnicos e semióticos fazem emergir e expandir ações que:

deslocam e dispensam a necessidade de escrever [...] demandando que essas formas de interação sejam estudadas, redimensionadas, reconceitualizadas diante das novas condições de espaço e tempo. A escrita, uma das condições que viabilizou essa produção tecnológica, se inscreve de tal forma nas coisas, nas práticas, que, de tão óbvia, adquire transparência (Smolka, 2019, p. 14-15).

Por isso, é fundamental investigarmos sobre como as crianças acessam e usam tais instrumentos e “como estes se tornam constitutivos de seus (dos nossos?) modos de falar, pensar, aprender, memorizar, raciocinar; como afetam e repercutem nas relações de ensino” (Smolka, 2019, p. 22). Nesta mesma perspectiva, Corsino, Nunes, Baptista, Neves e Barreto (2016, pp. 22-23) também refletem sobre a diversidade de modos de leitura e de ser leitor na contemporaneidade, marcada pela variedade de interfaces entre as linguagens, os sistemas semióticos e as mídias nas produções culturais. Com as tecnologias digitais, a criança se coloca diante de diferentes formas de apresentação e representação da realidade e utiliza, simultaneamente, inúmeros “suportes, textos, imagens, ícones, sons, movimentos que se colocam de muitas formas para serem lidos” (Corsino et al., 2016, pp. 22-23). Perante toda esta complexidade, as crianças participam ativa e criativamente no mundo, ampliando seus conhecimentos e experiências com o universo simbólico, elas:

começam a estabelecer relações complexas seja acionando ícones para abrir janelas, iniciar ou finalizar jogos, vídeos e histórias, seja observando palavras, mapas, legendas para atingir finalidades inerentes, principalmente, aos jogos. Poucas são as pesquisas que discutem essas leituras infantis e de que forma elas estão contribuindo para que as crianças se aproximem de outras leituras da cultura do escrito. Mas não se pode hoje desconsiderar esse acesso das crianças (ainda que de algumas) a situações que exigem delas relacionar ícones, símbolos e signos a significados (Corsino et al., 2016, pp. 22-23).

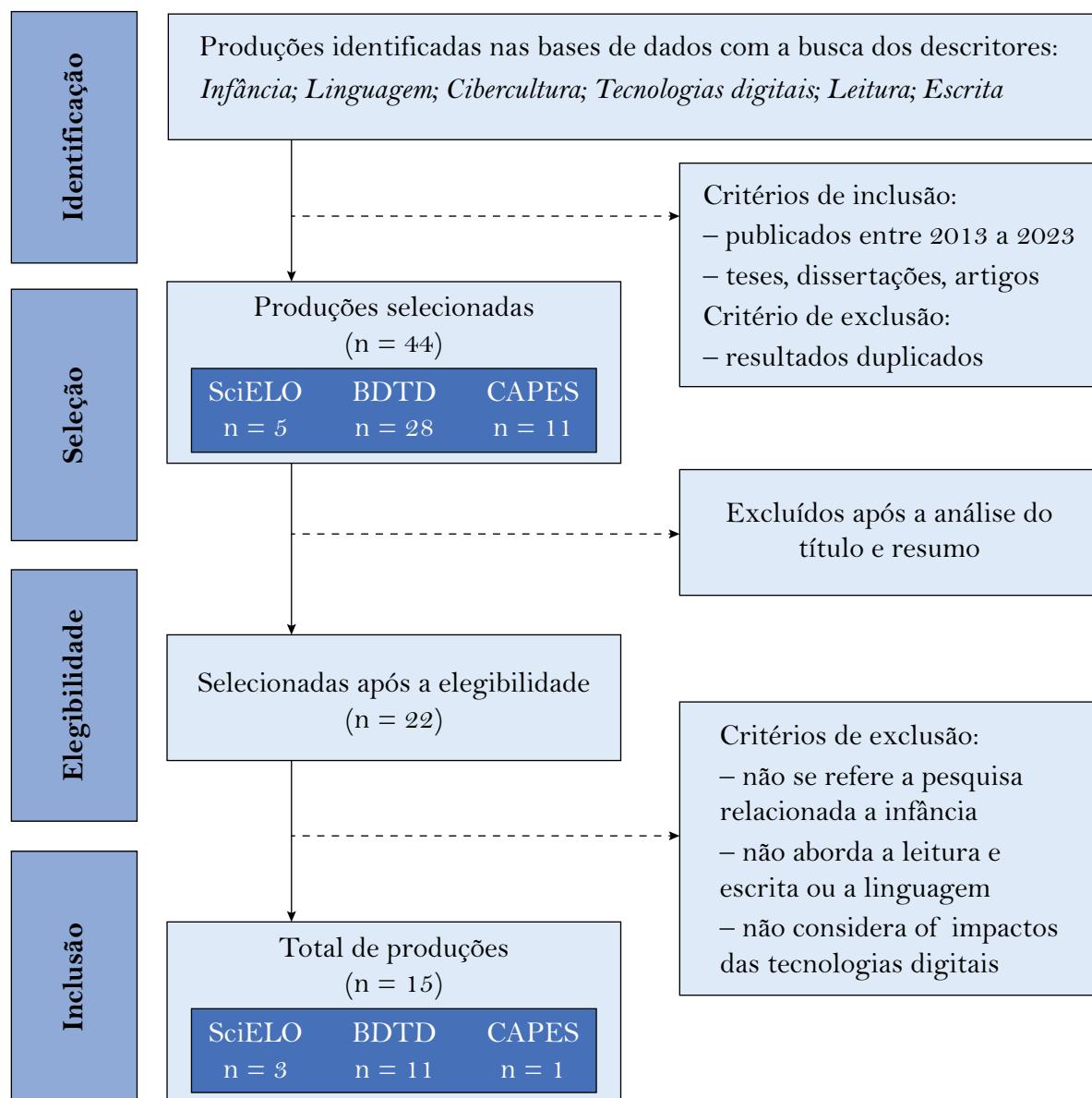
Deste modo, este trabalho tem por objetivo mapear e analisar a produção científica brasileira na última década sobre a interseção entre infância, linguagem e tecnologias digitais. Buscamos identificar tendências e lacunas neste panorama histórico para tecer diálogos com as perspectivas teóricas e metodológicas encontradas. Nossa texto está dividido em três seções: (I) *O panorama científico*, em que apresentamos a metodologia e os resultados encontrados; (II) *Percepções e indagações do campo*, com a análise das principais ideias consideradas e defendidas nas produções selecionadas; (III) e na última seção, *Outras considerações*, dissertamos sobre as reflexões finais deste trabalho.

O panorama científico

Para compreender os principais direcionamentos e demandas das pesquisas relacionadas às tecnologias digitais, às infâncias e às linguagens, foi desenvolvida uma revisão bibliográfica de publicações acadêmicas produzidas entre o período de 2013 a 2023. Utilizamos os bancos de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – e do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e realizamos uma busca com a combinação dos termos *infância, linguagem, leitura, escrita, tecnologias digitais e cibercultura*. Na Figura 1, apresentamos uma síntese do processo da pesquisa bibliográfica, apontando como os resultados foram identificados e selecionados em cada banco de dados, quais foram os critérios de inclusão e exclusão adotados, e como foi definida a elegibilidade e o quantitativo total das publicações incluídas na análise deste trabalho.

A revisão bibliográfica revelou uma produção científica incipiente sobre o assunto. Do total de 44 publicações encontradas, foram selecionados três artigos, sete dissertações de mestrado e cinco teses de doutorado, totalizando, portanto, 15 trabalhos. Conforme apontamos no Quadro, a temática não está concentrada em uma única universidade/instituição de ensino superior ou região brasileira: destacam-se o total de seis produções na Região Sudeste; duas no Nordeste; duas no Centro-Oeste; uma no Sul e uma no Norte. As investigações não apresentaram como enfoque apenas a área da educação, constituindo-se como uma questão multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar nos seguintes campos de conhecimento: quatro em educação, uma em educação, Conhecimento e inclusão social e uma em educação em ciências da Amazônia; uma em ensino na educação básica e uma em ensino e processos formativos; uma em comunicação e uma em comunicação e semiótica; uma em estudos da linguagem; uma em psicologia.

Figura 1 – Síntese do processo de pesquisa bibliográfica.



Fonte: Elaboração nossa com base no Portal do SciELO, Portal do BDTD e Portal da Capes.

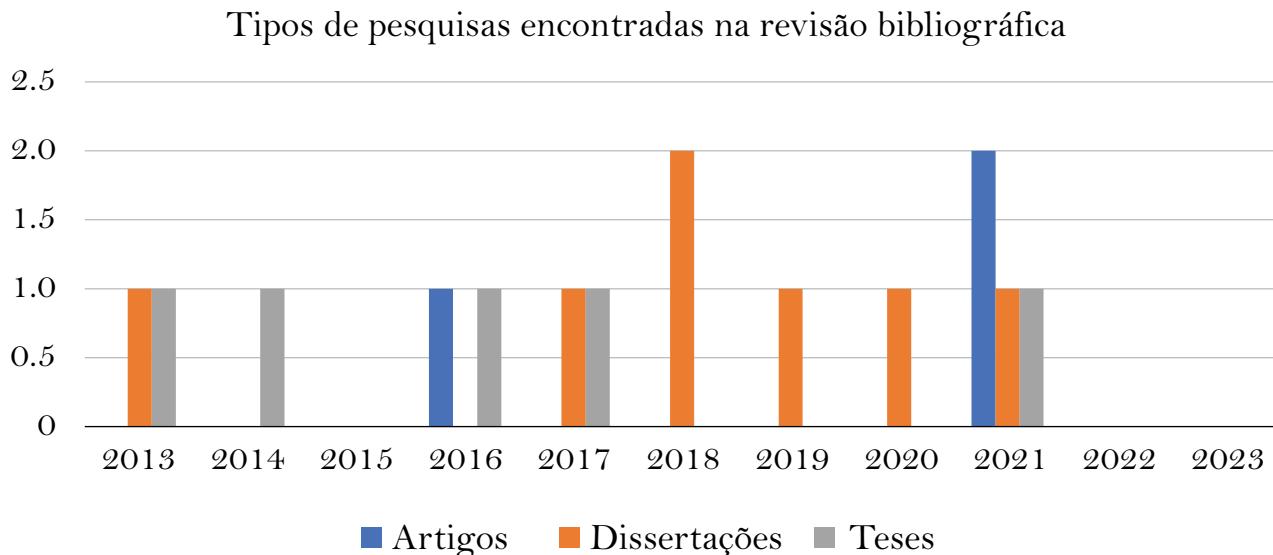
Quadro – Apresentação dos dados das publicações por regiões brasileiras, número de publicações selecionadas na revisão, tipos de publicação, universidade ou instituição de ensino superior e programas de pós-graduação onde as pesquisas foram realizadas.

Região	Nº de pesquisas	Tipo de publicação	Universidade/instituição de ensino superior	Programa
Sudeste	6	Dissertação	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Comunicação
		Dissertação	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Ensino e Processos Formativos
		Dissertação	Universidade Federal do Espírito Santo	Educação
		Tese	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Educação
		Tese	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Comunicação e Semiótica
		Tese	Universidade Federal de Minas Gerais	Educação, Conhecimento e Inclusão Social
Nordeste	2	Tese	Universidade Federal Da Bahia	Educação
		Tese	Universidade Federal da Bahia	Psicologia
Centro-Oeste	2	Dissertação	Universidade Federal de Mato Grosso	Educação
		Dissertação	Universidade Federal de Goiás	Ensino na Educação Básica
		Dissertação	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	Estudos de Linguagens
Norte	1	Dissertação	Universidade do Estado do Amazonas	Educação e Ensino de Ciências na Amazônia

Fonte: Elaboração nossa com base no Portal do SciELO, Portal do BD TD e Portal da Capes.

Quanto à avaliação da trajetória histórica das publicações, a média de produção anual variou entre uma e duas até o ano de 2021. E nos anos de 2015, 2022 e 2023 não foram identificadas produções com a temática selecionada (Figura 2). Neste sentido, os resultados sugerem uma constância incipiente de trabalhos publicados na última década, conforme já apontamos.

Figura 2 – Gráfico sobre a trajetória histórica ao longo da década de 2013–2023 das publicações das pesquisas encontradas e selecionadas a partir da revisão bibliográfica. Em azul, os quantitativos de artigos; em laranja, as dissertações; em cinza, as teses.



Fonte: Elaboração nossa com base no Portal do SciELO, Portal do BD TD e Portal da Capes.

Diversas metodologias foram identificadas nos trabalhos selecionados, com predomínio de investigações qualitativas com crianças, fundamentadas nas ideias de Manuel Sarmento e William Corsaro sobre o campo das infâncias; de André Lemos e Pierre Lévy nas discussões sobre cibercultura; de Mikhail Bakhtin sobre a linguagem e Lúcia Santaella sobre as relações entre linguagem e tecnologias. A partir deste panorama, apresentamos a análise desses resultados a partir de três categorizações: (I) produções digitais das crianças e sobre as crianças nas redes; (II) concepções e práticas escolares e educação digital; (III) visões sobre a leitura e a literatura na cibercultura.

Percepções e indagações do campo

As produções digitais das crianças e sobre as crianças nas redes

Foram encontrados sete trabalhos cujas pesquisas abordaram a autoria e a produção infantil nas redes digitais ou que focaram em publicações protagonizadas por crianças, mas produzidas por adultos. Andrade (2021) produziu uma tese de doutorado que examina o canal no Youtube de uma criança para compreender como a plataforma pode contribuir para a produção das subjetividades infantis no mundo contemporâneo. A partir de uma abordagem teórico-analítica inspirada nas teorias de Foucault, Souriau, Agambem e Kohan, a pesquisadora contribui para a reflexão sobre

a infância em uma perspectiva plural e sócio-histórica e a percepção das crianças como *seres do presente* e não como *ensaios do futuro*.

Para Andrade (2021), as ações da criança participante da pesquisa possibilitam a análise de uma série de desdobramentos nas produções de conteúdos digitais e no desenvolvimento de estratégias próprias como instauradoras de modos de viver e conviver com outras crianças inscritas no canal. Essa relação de vivências e convivências traz consigo uma série de tensionamentos para o desenvolvimento infantil. Neste sentido, o trabalho sugere que o Youtube pode se constituir como um espaço para a formação de subjetividades e formas de existência infantis, mas também chama a atenção para os riscos da atuação dos *youtubers* mirins nas ações e estratégias publicitárias de produtos direcionados às crianças.

Com perspectiva semelhante, a dissertação de Danilo Genebra (2020), discute sobre as crianças consideradas nativas digitais do século XXI e o fenômeno midiático do protagonismo infantil em vídeos do Youtube. O referencial teórico é construído com a articulação entre as ideias de cultura de convergência de Jenkins, sociedade em rede de Castells, cibercultura e inteligência coletiva de Lévy, além das discussões empreendidas por Prensky, Briggs e Burke.

O autor desenvolve uma análise exploratória da criação e publicação de conteúdos digitais por crianças de quatro a 12 anos de idade que são consideradas celebridades devido a popularização das suas produções. Neste contexto, destaca as peculiaridades da infância no mundo digital contemporâneo e as crianças enquanto criadoras e consumidoras de produtos culturais e mercadológicos. Genebra (2020), então, considera que os chamados “*youtubers* mirins” representam uma produção de conteúdos *híbridos* entre práticas de entretenimento e de estratégias publicitárias em que a linguagem audiovisual é usada para atrair e “engajar” cada vez mais crianças.

Já o artigo de Pereira e Silva (2021) problematiza como as imagens de crianças circulam em vídeos *online* virais. Referenciadas nas teorias de Bakhtin, Benjamin e Lemos, os autores partem de indagações significativas para o campo:

Que imagens de infância circulam? O que faz da criança uma imagem que viraliza? Que alteridade pauta a relação entre a criança que é filmada e aqueles que a filmam? Que ética baliza a produção e a circulação desses vídeos? (Pereira & Silva, 2021, p. 23).

Os pesquisadores ponderam que, no movimento de ampliação sem prece- dentes das experiências comunicativas com as redes sociais *online*, a participação

infantil, a autoria e a produção de conteúdos digitais pelas crianças se contrapõem pela hegemonia da circulação de publicações virais nas quais as crianças são apenas *imagens-objeto* de entretenimento e propaganda em publicações produzidas por adultos. Assim, o trabalho contribui para refletirmos sobre a relação entre as crianças e os adultos na contemporaneidade e para a defesa dos atos responsivos e éticos nessa conexão. Ainda que o referido artigo não apresente como foco a leitura e a escrita em si, os autores apontam para a linguagem em um sentido mais amplo e múltiplo, característico das produções digitais. Além disso, Pereira e Silva (2021, p. 31) defendem o lugar social e político infantil na cibercultura e concluem nos convidando para novas indagações: “cabe-nos sempre indagar antes de cada *click*, de cada *start* na câmera do celular: ‘Que lugar reservamos às crianças?’, ‘Para que as registramos?’, ‘Para que as expomos?’”.

Zequetto (2018) também realiza uma pesquisa sobre imagens infantis publicadas em plataformas digitais e traz como enfoque a análise dos discursos de um grupo de crianças com idades entre oito e 13 anos sobre suas atividades online. A investigação é realizada por meio de uma pesquisa-intervenção cujo arcabouço teórico-metodológico tece diálogos entre os enunciados infantis, a teoria bakhtiniana – especialmente com os conceitos de dialogismo e alteridade – e as ideias de outros pesquisadores, como Corsaro e Buckingham. Neste cenário, o autor busca analisar as transformações vividas na cibercultura e as práticas sociais das crianças com as mídias digitais. Discute sobre como o processo de constituição da subjetividade e da corporeidade se manifestam nas relações que as crianças estabelecem com os artefatos tecnológicos. Essa conexão, para o autor, é atravessada por diversos tensionamentos que possibilitam a construção de conhecimentos, interações e manifestações culturais, modos de pensar, ser e agir.

Assim, “apesar de muitos estudos criticarem negativamente a influência da mídia sobre a criança, sabe-se pouco como elas negociam o que veem, como se apropriam, usam e produzem sentidos sobre os textos de mídia” (Zequetto, 2018, p. 12). Desta maneira, ele defende a importância da participação infantil nas pesquisas e conclui: “A infância *touch screen* é irrevogável” (Zequetto, 2018, p. 87). As ideias do autor nos auxiliam na compreensão da linguagem como um processo dinâmico de interlocução e de (res)significações, uma vez que o discurso se desenha e se constrói a partir da relação com o outro. Nesta perspectiva, comprehende-se a alteridade como eixo estruturante

da produção de conhecimento e das enunciações, e a linguagem como “um processo dinâmico de interlocução e produção de sentidos” (Zequetto, 2018, p. 12).

Na pesquisa de doutorado, Folino Junior (2014) discute sobre as manifestações da subjetividade de crianças de seis a 12 anos de idade por meio da criação de avatares em plataformas de comunicação e relacionamento. A investigação objetiva compreender a relação intrínseca entre identidade e visibilidade mediática, fundamentada nas concepções de pós-modernismo de Anderson, Baudrillard, Harvey e Lyotard; nas concepções sobre a cibercultura de Lemos e Trivinho; na formação da identidade com Bauman, Giddens e Hall; e do imaginário social e digital de Castoriadis e Felinto.

Diante deste referencial teórico, o autor pondera sobre o imaginário social como força que constitui a sociedade; e o imaginário tecnológico como uma reconfiguração pós-moderna do espaço e do tempo, marcada pela dissolução do real e o estabelecimento da hiper-realidade. Estes aspectos estruturam a construção das nossas identidades e subjetividades, marcadas pela fluidez e pelo constante movimento de transformação. Neste sentido, o autor traz a discussão sobre a criação de perfis nas plataformas digitais, especialmente em jogos e redes sociais, nos quais as crianças manifestam diferentes identidades ao criarem avatares e diferentes versões e projeções de si, produzindo a ressignificação do próprio eu, no âmbito individual, e do imaginário infantil, em uma dimensão social mais ampla. Deste modo, a tese de Folino Junior (2014) pode contribuir para a percepção da linguagem como parte constituinte do imaginário e da identidade infantil.

A tese de Becker (2017) destaca as especificidades da participação social infantil e da brincadeira como prática cultural essencial nessa etapa da vida. A autora desenvolve um estudo exploratório procurando compreender como as crianças de nove a 12 anos de idade expressam a ludicidade, bem como suas formas de uso e apropriação com as tecnologias digitais.

Baseada nas concepções de Sarmento e Corsaro, Levy, Santaella, Lemos, Castells e Buckingham, a investigação analisa alguns fenômenos que caracterizam as infâncias contemporâneas. Becker (2017) argumenta sobre o aumento da utilização das tecnologias pelas crianças como parte de um movimento de internalização e institucionalização da infância em que as crianças ficam cada vez mais em espaços fechados e afastados das ruas e dos “perigos urbanos”. Neste cenário também emergem novas práticas lúdicas. Diante da mobilidade das tecnologias digitais, alteram-se

as percepções e “apropriações híbridas de tempo e espaço em torno de um continuum, que redimensionam as possibilidades de manutenção e continuidade” das atividades lúdicas. Assim, destaca-se as brincadeiras como experiências híbridas entre o mundo físico e o virtual. A autora também defende a importância de oportunizar a escuta das crianças “para debater assuntos que lhes envolvem diretamente” e compreendê-las como participantes ativos de uma cultura conectada “com a vivência de processos que ressignificam os elementos culturais de acordo com os interesses dos grupos culturais infantis” (Becker, 2017, p. 7).

Joana Freire (2016) desenvolveu uma tese com uma pesquisa longitudinal que investiga a autoria e coautoria de crianças em produções de conteúdo digital em blogs, grupos no Facebook e vídeos no Youtube. O trabalho intenta “compreender as formas de criação, produção e comunicação que as crianças usam na internet” a partir do que elas falam de si, do outro e do mundo; e o que escolhem para interagir e compartilhar com os outros. Assim, a autora propõe buscar nos discursos e narrativas infantis e nas suas produções *online*, o que as crianças vivem em suas infâncias na contemporaneidade (Freire, 2016, pp. 34-35). O referencial teórico adotado na pesquisa dialogou com Lemos, Levy, Pereira, Santaella e Sarmento para questionar: “Afinal, quem são as crianças de hoje? Como nomear os que pertencem à chamada infância que já nascem na cibercultura? O que é infância? O que é cibercultura? Onde a infância e a cibercultura se encontram?”. Quanto a esta última pergunta a autora pondera: “Elas se encontram na vida, nas experiências cotidianas. A infância, e as crianças, estão imersas na cibercultura assim como a nossa sociedade” (Freire, 2016, p. 31).

Freire busca transpor o hegemônico debate que ora aborda os riscos da internet para as crianças e ora se refere à potência infantil na relação com as tecnologias. Para tanto, a autora discorre sobre “questões observadas na relação das crianças com a cibercultura, mais especificamente utilizando redes sociais ou plataformas que possibilitem a publicação de conteúdo e imagens”. Assim, conclui “que as crianças sabem/querem/podem se relacionar com a internet de forma produtiva/autoral/criativa” (Freire, 2016, p. 136).

Concepções e práticas escolares e a educação digital

Nesta seção, analisamos cinco trabalhos encontrados em nossa revisão bibliográfica que discutem sobre a relação das infâncias com as mídias digitais a partir de pesquisas em/sobre escolas. Batanero, Montenegro, Cereo e Román (2021) tecem uma

discussão sobre os impactos das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Destacam-se três dimensões que nortearam o trabalho: (1) o estado geral da literatura científica na área das TIC para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita dos estudantes; (2) os resultados de aprendizagem na leitura e na escrita quando a tecnologia é utilizada; e (3) as principais linhas de investigação no domínio das TIC e do desenvolvimento da leitura e da escrita (Batanero et al., 2021).

Os autores realizaram uma busca sistemática da literatura em cinco bases de dados nacionais e internacionais sobre as pesquisas científicas publicadas entre os anos de 2010 e 2020 com a combinação dos descritores: *TIC, leitura e escrita*. Os resultados revelaram uma produção ainda incipiente sobre esta temática, mas com um movimento que vem começando a crescer a partir de 2016, com destaque para as publicações dos Estados Unidos e Austrália. Outros trabalhos produzidos na Finlândia, Turquia, Colômbia, Bulgária, Taiwan, Venezuela, Espanha, México, Suíça e Brasil são destacados em uma análise comparativa que indicou que as práticas neste campo não apresentaram diferenças significativas entre os países. A maioria dos estudos encontrados concentraram-se no ensino fundamental, a partir de uma abordagem quantitativa, e com predomínio de pesquisas voltadas para estudantes com dificuldades de aprendizagem ou deficiência. Todas as pesquisas corroboraram a ideia de que as tecnologias digitais podem contribuir com a aprendizagem da leitura e da escrita, com efeitos positivos na motivação, na promoção da autonomia e na oferta de experiências interativas e colaborativas, bem como em práticas de outras disciplinas e áreas do conhecimento, além das relacionadas às línguas/linguagens.

Para além das produções analisadas por Batanero et al. (2021), a pesquisa bibliográfica proposta neste trabalho traz como enfoque não apenas a discussão sobre as TIC, a leitura e a escrita. Busca-se também neste texto compreender o que o arcabouço científico contemporâneo traz como indagações e percepções no que concerne às infâncias e a relação das crianças com a linguagem e as tecnologias digitais, com destaque para as investigações que intentam valorizar a participação infantil na pesquisa.

Herran (2017) em sua dissertação desenvolve uma pesquisa de cunho fenomenológico e com observação participante junto a crianças estudantes de uma escola municipal de Manaus-AM. Referenciada nas discussões sobre os conceitos de cultura-mundo e de hipermoderno de Lipovetsky e Serroy (2011), a investigação debate as escritas e as falas infantis para compreender as contribuições da inclusão digital

no processo de alfabetização científica e tecnológica das crianças. Suas ideias trazem pistas para uma discussão mais ampla sobre as infâncias na contemporaneidade, imersas em contextos sociais, culturais e econômicos diversos; e sobre a linguagem como mediadora das relações entre as crianças, as tecnologias e a aprendizagem dos conhecimentos científicos e tecnológicos.

Cabe ressaltar que Herran também questiona as políticas públicas voltadas para a educação e a inclusão digital no contexto manauense e argumenta que apenas a implementação de programas e projetos que garantam o acesso aos instrumentos tecnológicos não é o suficiente. Neste processo é fundamental proporcionarmos “todo um conjunto de técnicas e práticas, que vão desde a aquisição dos equipamentos até o processo de formação dos professores que farão uso da tecnologia juntamente com as crianças” (Herran, 2017, p. 7).

A dissertação de mestrado de Monteiro (2013) discute as experiências coletivas e individuais de autoria que se manifestam no processo de produção de filmes de animação na formação artística de crianças do 2º ano do ensino fundamental de uma escola do Espírito Santo. A pesquisa analisou as expressões infantis em suas narrativas orais e visuais a partir das teorias de Benjamin e Sarmento. A pesquisa adota uma abordagem colaborativa e aponta para a possibilidade de ampliação das vivências infantis com as tecnologias digitais na escola.

A pesquisadora defende a concepção de crianças como seres sociais ativos e participativos, inseridos em determinada sociedade e cultura, marcada hoje pela presença das tecnologias digitais. A infância é entendida como um espaço em constante transformação, de construção coletiva de saberes e fazeres na qual a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento infantil. Ainda para a autora, a linguagem audiovisual se constitui como experiência, meio de expressão, comunicação e aprendizagem e pode ser uma potente ferramenta pedagógica.

Barbosa (2018) desenvolve uma investigação de mestrado com o objetivo de discutir o protagonismo infantil nas práticas de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental. O trabalho analisa a produção de um jornal impresso e digital de modo a proporcionar diferentes experiências para as crianças participantes da pesquisa. A partir das ideias de Freud e Lacan, o autor argumenta sobre a ampliação da visão a respeito do sujeito e da linguagem para defender o exercício de autoria infantil. O trabalho conclui que o foco da pesquisa não

se pautou no jornal como um produto em si, mas no processo de criação construído junto às crianças.

A dissertação de Nogueira (2021) versa sobre concepções curriculares e práticas de leitura e escrita com o uso das tecnologias digitais em escolas municipais de São Paulo-SP. Através de pesquisa documental e entrevistas com professores e gestores, a autora tece uma investigação com foco na discussão sobre as culturas das infâncias. Elegendo turmas em processo de transição da educação infantil para o ensino fundamental, a investigadora busca compreender como as práticas relacionadas aos usos das tecnologias digitais estão inseridas na realidade das escolas pesquisadas, de que modo elas impactam nas atividades de leitura e escrita e quais são os principais desafios para os educadores e gestores neste contexto.

Nogueira (2021) contribui para tecermos reflexões sobre as perspectivas das tecnologias para as diferentes infâncias, fazendo emergir o seguinte questionamento: o que muda nas práticas escolares com as tecnologias digitais na educação infantil e na alfabetização? Assim, a autora traz como enfoque esse período de transição e o inter-relaciona com a dicotomia entre o brincar e o aprender a ler e a escrever. Os resultados da dissertação revelam a prevalência desse paradoxo: a educação infantil apresenta escassez de recursos tecnológicos e indicações curriculares neste campo, em contraposição à oferta de diversos recursos e desenvolvimento de trabalhos sistematizados no início do ensino fundamental. Esses achados possibilitam pensarmos na indissociabilidade entre as propostas curriculares, práticas pedagógicas e as escolhas políticas e epistemológicas sobre a infância, a criança, a educação e a tecnologia.

A tese de Menezes (2013) reflete sobre as narrativas infantis para compreender como as crianças de oito a 11 anos de idade, nascidas no início do século XXI e imersas na cibercultura, vivenciam a ludicidade, o consumo e a corporeidade. A partir de uma abordagem qualitativa de cunho descriptivo realizada em uma escola particular no município de Aracaju-SE, o estudo disserta sobre as transformações nos modos de ser e estar infantis no mundo do ciberespaço. Em diálogo com as ideias de Lévy, Lemos e Santaella, os resultados apontam para a coexistência de diferentes modos de entretenimento, revelando que os jogos e as interações com o outro são as principais fontes de divertimento das crianças na internet. A investigação indica uma expressiva participação infantil na escolha de produtos para uso próprio e para suas famílias. Também revela a relação intrínseca entre consumo e corporeidade

em que as crianças buscam as transformações de si próprias de acordo com o que veem e vivenciam no mundo digital. Essas experiências podem afetar positivamente ou negativamente o desenvolvimento infantil. Nas considerações finais, o autor reafirma a concepção das crianças enquanto sujeitos ativos, produtoras de cultura, atores sociais que criam e recriam, significam e ressignificam seus conhecimentos e práticas, imersas na cibercultura.

Visões sobre a leitura e a literatura na cibercultura

Duas produções encontradas nesta revisão bibliográfica trazem como foco as transformações das práticas de leitura e na literatura no contexto da cibercultura. A dissertação de Machado (2019) tem como finalidade analisar experiências de formação leitora e de multiletramentos a partir do uso da literatura infantil digital. Por meio de uma pesquisa qualitativo-interpretativista com abordagem exploratória, o autor desenvolve sua investigação ancorada nas teorias do Círculo de Bakhtin; nos estudos dos multiletramentos de Cope e Kalazantis; da leitura e da formação do leitor dos pesquisadores Coscarelli e Cosson; e do livro infantil digital com Kirchof, Gómez-Días e Menegazzi.

O pesquisador defende a utilização do termo letramento literário para se referir ao processo de “construção literária de sentidos” e considera que a literatura infantil digital é composta por produções textuais discursivas destinadas para crianças, caracterizadas pelas peculiaridades das linguagens literárias, estéticas e tecnológicas. O autor tece suas discussões a partir das reflexões sobre seis obras digitais finalistas em 2015–2016 dos prêmios Jabuti-Brasil e da Feira do Livro Infantil de Bolonha-Itália. Alicerçado nesta propositura, Machado (2019) destaca que os livros literários digitais alteram as relações com a materialidade e com o conteúdo das obras, marcadas pela não linearidade, pela fluidez da leitura e pela interatividade e agentividade do leitor.

Por fim, o artigo Ribeiro (2016) tem por objetivo discutir as contribuições deste historiador para a compreensão das transformações da cultura escrita ao longo da história e a influência das tecnologias digitais nas relações entre os sujeitos e os textos, as imagens, sons e movimentos através das telas. As práticas de leitura e escrita em ambientes digitais tornaram-se “sem fronteiras”, ilimitadas e multissemióticas: o ato de ler parece se “(con)fundir” com a escrita; as possibilidades de interação e

intervenção com os textos ampliam a participação do leitor como coautor das obras literárias digitais.

Ribeiro (2016) discute, então, o movimento que vivemos com a cultura escrita junto às tecnologias digitais por meio da articulação entre (1) o *ato de escrever* e as mudanças nas técnicas de produção escrita e nas formas de inscrição dos textos; (2) as *práticas de leitura* que se modificam nas relações com os textos, bem como nas percepções de entidade e formas textuais; (3) os *suportes do escrito* e as alterações nas formas de inscrições dos textos, das materialidades e dos modos de publicação e difusão da escrita. Desta maneira, a autora reflete sobre “um circuito em que estão envolvidos novos modos de produção, disseminação e apropriação dos textos, ou seja, novas maneiras de escrever, de publicar e de ler” (Ribeiro, 2016, p. 103). Outrossim, argumenta que as tecnologias digitais não limitam as práticas de leitura do impresso, mas caracterizam a multiplicidade do leitor contemporâneo que pode transitar entre o papel e a tela. Apesar de o trabalho não construir considerações mais específicas sobre as crianças, o artigo permite a ampliação das visões sobre a leitura, a escrita e a literatura na cibercultura e, logo, na interrelação com as infâncias na contemporaneidade.

Outras considerações

[...] as crianças [...] já sabem manusear um tablet e um celular desde pequenas e elas sabem que um celular pode ser utilizado para diversas coisas além de falar com alguém: sorriem para foto, pegam nossos aparelhos e tiram fotos ou pedem para tirarmos, acessam jogos e *sites*. Elas sabem isso porque estão convivendo conosco que fazemos tudo isso. Então por que nos espantamos? Por que continuamos pesquisando? Qual o sentido de uma pesquisa que se propõe a investigar uma utilização que pode ser considerada banal, mas, que ao mesmo tempo carrega tantas questões: é apropriado crianças estarem na internet? Quais são os riscos envolvidos? O que a sociedade pode fazer para ajudar as crianças a utilizarem a internet de forma segura e produtiva? (Freire, 2016, pp. 34-35).

Nesta pesquisa nos encontramos com os questionamentos de Freire (2016) para refletir: dada a trivialidade das ações infantis junto às tecnologias digitais no cotidiano, por que nós, adultos, ainda nos espantamos? O que ainda nos motiva a selecionar essa temática para as nossas pesquisas? Por que realizar essa investigação?

Durante muitos anos e ainda hoje é considerável o número de trabalhos que realizam pesquisas *sobre* as crianças e as infâncias. Em algumas produções o foco engloba dados quantitativos e estatísticos, enquanto em outras publicações o cerne se

refere às crianças a partir de pontos de vista do adulto, com entrevistas e questionários com os educadores ou familiares, por exemplo.

No entanto, neste texto apresentamos um movimento na literatura científica que vem crescendo e começa a se consolidar na área com investigações que buscam dialogar *com* as crianças para compreender as ideias e relações que elas estabelecem com o mundo, ou seja, com uma perspectiva relacional. Mais especificamente neste artigo, apesar de percebemos um movimento incipiente e difuso de publicações na última década sobre a temática elencada, evidencia-se o reconhecimento das crianças como sujeitos de cultura e como agentes ativos e criativos. Nesta perspectiva, as ideias de Sarmento, Corsaro e os estudos da sociologia da infância se apresentam como arcabouço teórico preponderante para defender uma concepção de infância constituída pela pluralidade e por sua contínua transformação, como categoria social e geracional.

Com os resultados encontrados foi possível constatar outras tendências e lacunas no campo. Todas as produções analisadas nesse percurso apresentaram, majoritariamente, pesquisas qualitativas fundamentadas em diferentes referenciais teórico-metodológicos. Com as teorias de Lévy e Lemos, os trabalhos intentam defender a cibercultura como um conjunto de técnicas e práticas sociais e culturais, de modos de pensar, se relacionar e significar o mundo. Essas dimensões se modificam constantemente com a fluidez, a interatividade e a dinamicidade das mídias e das tecnologias digitais. Assim, com as teorias de Bakhtin e Santaella, foi possível discutir sobre como a linguagem, influenciada por diferentes ideologias, pode ampliar as experiências das crianças com o mundo social e cultural e sua constituição enquanto mediadora desta relação com a cibercultura.

Os instrumentos técnico-semióticos podem se apresentar como um espaço para a formação da identidade e subjetividade, de participação e construção de imaginários sociais, infantis e tecnológicos. Imersas na cibercultura, as crianças refletem, negociam e ressignificam as tecnologias digitais em práticas cotidianas híbridas entre o mundo físico e o virtual, mediadas pela linguagem e pela ludicidade. Esta se constitui como experiência, meio de expressão, comunicação e de aprendizagem e pode ser uma potente ferramenta pedagógica.

Entretanto, também podem trazer riscos para as crianças, com forte influência do capitalismo e do consumo, com o acesso a conteúdos considerados inadequados e

antiéticos, entre outros. Grande parte das publicações encontradas reconhecem e compreendem essa dimensão dicotômica, mas também buscam romper com a perspectiva adultocêntrica entre vulnerabilidade-potencialidade infantil e entre os benefícios-malefícios das tecnologias digitais para as crianças. São desenvolvidas pesquisas para além desses paradigmas com o debate sobre a relação das crianças com as tecnologias a partir das suas expressões e ações. Estas são capazes de produzir sentidos sobre a leitura e a escrita na interação com as tecnologias digitais. A literatura e os livros digitais alteram as relações com a materialidade e os conteúdos das obras, marcados pela não linearidade, pela fluidez da leitura e pela interatividade e agentividade do leitor.

O diálogo com a produção científica analisada aponta para a emergência de discussões sobre como as crianças acessam e usam as tecnologias digitais, que relações estabelecem nesses contextos e os conhecimentos que produzem e compartilham. As repercussões dessas interações para o processo de aprendizagem são áreas-chave para futuras pesquisas.

Referências

- Andrade, H. L. S. (2021). *“Tornar visível o que é visível”: Youtuber mirim e subjetividades infantis: Uma análise do canal Julia Silva* (Tese de doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- Barbosa, L. R. S. (2018). *Jornal folhinha aplicada on-line: Um exercício de autoria* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiana, GO, Brasil.
- Batanero, J. M. F., Rueda, M. M., Cerero, J. F., & Gravan, P. R. (2021). Impact of ICT on writing and reading skills: A systematic review (2010-2020). *Texto Livre*, 14(2), 1-12. <https://doi.org/10.35699/1983-3652.2021.34055>
- Becker, B. (2017). *Infância, tecnologia e ludicidade: A visão das crianças sobre as apropriações criativas das tecnologias digitais e o estabelecimento de uma cultura lúdica contemporânea* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
- Corsino, P., Nunes, M. F. R., Baptista, M. C., Neves, V. F. A., & Barreto, A. R. (2016). Leitura e escrita na educação infantil: Concepções e implicações pedagógicas. In Ministério da Educação (Org.), *Crianças como leitoras e autoras* (Vol. 6). Brasília: Ministério da Educação.

Folino Júnior, A. (2014). *Visibilidade mediática, identidade e imaginário infantil na cibercultura: As múltiplas identidades da criança em plataformas virtuais de relacionamento* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Freire, J. L. (2016). *Produzir comunicação na cibercultura: Coisa de criança!* (Tese de doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Genebra, D. M. (2020). *A infância nativa digital e o fenômeno youtuber mirim: Hibridização de entretenimento e publicidade* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, SP, Brasil.

Herran, V. C. S. (2017). *Inclusão digital e alfabetização científico-tecnológica: Um estudo com crianças nos anos iniciais do ensino fundamental* (Dissertação de mestrado). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.

Machado, P. H. (2019). *Livros literários infantis digitais interativos em formato de aplicativos: Análise de práticas multiletradas na formação de leitores* (Dissertação de mestrado). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Menezes, J. A. S. (2013). *A criança na cibercultura: Brincar, consumir e cuidar do corpo* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

Monteiro, T. B. (2013). *Cinema de animação no ensino de arte: A experiência e a narrativa na formação da criança em contexto campesino* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.

Nogueira, A. M. D. (2021). *Culturas da infância e recursos tecnológicos digitais: Um olhar para a transição entre educação infantil e ensino fundamental no município de São Paulo* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Ilha Solteira, SP, Brasil.

Pereira, R. M. R., & Silva, P. (2021). Por uma ética nas produções audiovisuais na cibercultura: A infância em vídeos virais. *Cadernos Cedes*, 41(113), 23–32. <https://doi.org/10.1590/CC231463>

Ribeiro, A. E. (2016). Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: Um diálogo com Roger Chartier. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, (47), 97–118. <https://doi.org/10.1590/2316-4018475>

Smolka, A. L. B. (2020). Relações de ensino e desenvolvimento humano: Reflexões sobre as (trans)formações na atividade de (ensinar a) ler e escrever. *Revista Brasileira De Alfabetização*, 1(9), 1-17. <https://doi.org/10.47249/rba2019314>

Zequetto, A. C. (2018). *Infância, corpo, educação e cibercultura: Crianças e a produção de imagens nas redes sociais* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.

Submetido em: fevereiro de 2025

Aceito em: julho de 2025

Sobre a autora

Giselle Mendes dos Santos

Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011), Especialização em Educação Infantil e Desenvolvimento pela Universidade Cândido Mendes (2012), em Alfabetização das Crianças das Classes Populares pela Universidade Federal Fluminense (2015) e em Educação 5.0: Metodologias Ativas, Tecnologias Disruptivas e Inovação Acadêmica no Ensino Superior pela CENSUPEG (2022). Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense (2018) e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é Professora I e Pedagoga da Fundação Pública Municipal de Educação de Niterói. Integrante do Laboratório de Estudos em Linguagem, Leitura, Escrita e Educação - LEDUC - Grupo de Estudos e Pesquisa Infância, Linguagem e Educação- GEPILE. Membro do Grupo de Pesquisa em Neurociências aplicadas à Educação da (NEUROEDUC/UFRJ). E-mail: giselle.mendes13@gmail.com